

O Indivíduo e a Linguagem Inseridos na Vida Cotidiana¹

Gustavo S. Malafaya Sá²

Resumo

Um passeio pelo mundo e os efeitos da linguagem na veloz vida cotidiana. Este é o mote central deste artigo que estuda a emissão e recepção do discurso por meio do uso da palavra e, em linhas gerais, trata de questões relevantes no processo comunicacional como: a influência da mídia no meio e na formação do indivíduo (distorções e manipulação), o papel social do homem e a relação com seus “eus”, grupos sociais, formação ideológica, estereotípias, preconceito, hipótese e opinião.

Palavras-chave

Cotidiano; Linguagem; Discurso; Ideologia; Meio Social.

Corpo do trabalho

O mundo contemporâneo, em decorrência de suas velozes e constantes evoluções, acaba, inevitavelmente, por demandar a possibilidade de se pensar “linguagem”, assim como, promover reflexões acerca de seu papel no cotidiano dos indivíduos. A influência da linguagem nas relações sociais e na formação da consciência de cada membro da sociedade torna-se o cerne da discussão de inúmeras produções elaboradas por intelectuais ao redor do planeta.

O meio social recebe diariamente um turbilhão de informações que precisam ser administradas pelo indivíduo dia após dia. E este, por sua vez, acaba por excluir certos conteúdos devido a sua velocidade e ao bombardeio massificador de texto, imagem, música... signos. A função deste indivíduo é mediar esses conteúdos e adquirir conhecimentos para o seu crescimento intelectual e cultural “selecionando” o que é de seu interesse nessa “Torre de Babel” de informações.

O papel do indivíduo na sociedade é produzir novos conteúdos a partir da formalização dos d’antes apreendidos, promovendo assim, uma troca de conhecimentos junto a outros indivíduos do seu meio ou grupo social elaborando novas perspectivas para o mesmo. Estes novos conteúdos são emitidos sob uma malha de subjetividade que permite com que cada

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação (DT 8 – Estudos Interdisciplinares) no XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação presente no XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e mestrando em Comunicação Social pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), da Universidade Técnica de Lisboa (Portugal). Este artigo foi escrito durante o curso de especialização *Latu Sensu* em Gestão da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes (ECA/USP).

membro do meio social tenha uma leitura diferenciada sobre os mesmos assuntos e que os multiplique somando-lhes novas leituras. Esse efeito de refração e reflexão (BAKHTIN, 1981:32-33) faz parte de uma condição inerente ao homem.

A linguagem é a base da comunicação entre os membros do grupo social e o signo lingüístico seu principal vetor. A consciência individual é construída através do somatório de signos que ponderados, segundo Schaff, vão consolidando a existência do homem. “Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento...” (1981:35). Sem essa unidade verbal e mental – signo lingüístico –, a comunicação não se completa. A linguagem no papel de co-criadora da cultura produz o pensamento (atividade intelectual) que se transforma em conhecimento (SHAFF, 1976:268). Esta transformação se dá, pois os conteúdos são emitidos por meio de produções externas (ideologias) e, sendo assim, o que é lançado no meio é de total responsabilidade do emissor.

Nesse sentido, a palavra torna-se um material que necessita destaque nesta parte da análise. Possui caráter neutro e, por ser o único produto da linguagem verbal, adquire uma carga extremamente importante neste fluxo ideológico. Como pontua Maria de Lourdes Motter, a palavra é “o material semiótico da consciência, da comunicação na vida cotidiana e elemento de relação entre a base e a superestrutura” (MOTTER, 1989:1). Ela, segundo Bakhtin, está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação. E é por isso, que possui o importante papel de ser o indicador mais sensível de todas as transformações sociais. O autor destaca ainda que a palavra é a “arena onde se desenvolve a luta de classes” (1981:38-46).

Arelada à palavra e por se tratar do “produto do ato da fala”, a enunciação é a prática dos diálogos entre os indivíduos inseridos no meio social. Ela é ato individual de utilização da língua por parte interlocutor. Os traços ideológicos das palavras vão compondo os inúmeros significados na enunciação. “A palavra, realizada na enunciação concreta, é inteiramente determinada pelas relações sociais, e está sujeita a variações em função do interlocutor, relativamente ao grau de intimidade, à hierarquia, ao contexto, à situação” (MOTTER, 2002:43).

Outra questão que procede nesta análise é a representação dos fios ideológicos, propostos por Bakhtin. Os “fios” trabalham com a interpretação produzida pelos grupos sociais e seus interesses, e centram-se nas comunidades lingüísticas e semióticas. As representações produzidas pelas palavras conduzem o “pensar”, o “dizer” e o “fazer” dos indivíduos – podendo estes, neste momento, serem chamados de sujeitos devido ao processo ideológico envolvido (BRANDÃO, 1991:63). Isso porque as palavras, alicerçadas pelo discurso,

acabam por trabalhar no processo de construção de identidade do indivíduo dentro da perspectiva de interação com o outro. “O sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro” (1991:62).

Devido à alta complexidade de todo o processo que envolve a produção/emissão da linguagem no meio, é possível que entraves possam existir na recepção. A ausência de linguagem e cultura, por exemplo, por parte do receptor pode acarretar a sensação de frustração do indivíduo e trazer danos irreversíveis à sua formação. Isso porque muitos receptores do discurso, em função de uma rasa bagagem cultural e lingüística, não conseguem alcançar o patamar de subjetividade ora demandado, sentindo-se assim, na condição de subumanos – como analisado por Motter ao estudar o personagem Fabiano, de “Vidas Secas”, do autor alagoano Graciliano Ramos (MOTTER, 1994b). Nesse contexto, pode-se afirmar claramente que a palavra tanto pode aprisionar, quanto libertar o indivíduo.³

Isso se dá porque muitas vezes a complexidade dos conteúdos vai além da pluralidade de povos presentes nos meios sociais. A linguagem possui forte influência no estado e desenvolvimento da cultura, contudo, o excesso da carga de conteúdo pode trazer ao receptor um estado de alienação. Muitas vezes por isso ele se esconde atrás de estereótipos numa tentativa constante de se incluir a todo custo no meio social.

A questão da pluralidade de povos ainda traz outra arguição: por mais que possam existir casos como o do retirante nordestino Fabiano – da obra de Graciliano Ramos – em todos eles sempre há uma parcela de comunicação, mesmo sendo esses indivíduos pertencentes a origens de mundo/cultura diametralmente diferentes. As referências podem não ser as mesmas em povos tão distintos, mas os conceitos sim. O conceito de “Altura”, por exemplo, para um morador da metrópole, pode ser facilmente identificado por um prédio. E este mesmo conceito para um esquimó por um Iceberg. Ou seja, tanto um prédio quanto um Iceberg são altos. Para os dois indivíduos tão diferentes culturalmente, o conceito é o mesmo: “altura” é “altura”. O relativismo lingüístico, criticado por Schaff, não pensa na comunicação entre esses povos – o que não é verdade (1976:259-260). As imagens e as sensações não sofrem com as “fronteiras”.

As cargas ideológicas de certas simbologias também ultrapassam as fronteiras das línguas e culturas distintas. Bakhtin exemplifica tais rompimentos fronteiriços quando aborda sobre a

³ Um exemplo de libertação pela palavra/conhecimento é o caso do filho de pescador Mário Ruoppolo – personagem da obra “O Carteiro e o Poeta”, de Antônio Skármeta. Em contraponto ao caso do personagem de Graciliano Ramos, Skármeta apresenta em sua obra que o contato do humilde e tímido rapaz com um poeta (Pablo Neruda) transforma-o num indivíduo consciente dos problemas que o rodeiam. Problemas estes não observados anteriormente pelo mesmo.

leitura que pode ser feita ao se unir os produtos pão e vinho. Estes acabam por assumir uma representação simbólica (para os cristãos) que vai além da conotação do próprio vinho ou pão (1981:32). Questões que estão no âmbito das superestruturas, dentro dos parâmetros estruturais do simbólico e do senso comum.

Um exemplo de estrutura ideológica dentro da perspectiva de superestrutura é a fusão entre formadores de opinião e segmentos sociais. A relação de intelectuais e o MST, por exemplo, pode ser considerada uma questão estipulada na superestrutura (partindo da infraestrutura). Quando os jornais – como a Folha de São Paulo – apontam que os Sem-Terra “invadiram” – e não “ocuparam” – as terras da empresa X, eles impõem ao senso comum que os membros do grupo são criminosos, pois usam de práticas ilegais (CITELLI E BACCEGA, 1989)

Os jornais, no papel de um dos principais integrantes da grande mídia, realmente ocupam destaque na vida cotidiana, pautando-a. A cobertura realizada, por exemplo, pelos impressos brasileiros e os angolanos em relação à visita do ex-presidente José Sarney ao país africano mostra que os assuntos foram apresentados de maneira diferente, trazendo, aos leitores, uma mensagem devidamente “preparada” (MOTTER, 1989). A discrepância entre o divulgado nos dois países mostra que os interesses fazem parte destes “agendamentos” que pautam a imprensa mundial.

A mídia influencia os principais poderes e, por conta disso, assume o quarto lugar neste ranking. O indivíduo acredita na “verdade” produzida pela mídia e, muitas vezes, sem julgos modelos. A tal verdade passa a ser realidade no seu meio social. Não há críticas e, sem elas, o processo manipulatório ganha corpo.

Esse poder da mídia é gradativamente reforçado porque a cada dia que passa não há tempo para se formalizar conteúdos. Os assuntos são produzidos pela mídia visando a fácil assimilação do receptor e esta é uma das razões pelas quais os estereótipos se fixam na sociedade. A mídia contribui na consolidação dos estereótipos. Trabalha com a padronização e versões simplificadas. É a lei do poder constituído.

As relações humanas também são prejudicadas com a velocidade da vida moderna. Como lembra Walter Lippmann, “não há tempo nem oportunidade para o conhecimento íntimo das coisas” (LIPPMANN, 1980:156). Os indivíduos, hoje em dia, logo “definem” as situações antes de “vê-las” – quando o oposto é que talvez fosse o ideal.

(...)

Em decorrência da tão citada velocidade, o indivíduo também acaba por assumir – muitas vezes inconscientemente – um desdobramento de papéis sociais. Ele os “incorpora acriticamente como mero reprodutor, na ânsia de ser aceito e perfeitamente integrado ao corpo social” (2002:39). As demandas diárias são numerosas e, por conta disso, não é possível fazer uma coisa de cada vez. Os “eus”, citados por Bakhtin (1981:115), precisam se centrar num único “eu”. Para isso, é necessário um autodistanciamento do indivíduo com o objetivo de provocar uma observação de si próprio. Quando é possível o ganho é considerável, pois se consegue produzir mais criticamente a partir de uma observação “externa”. A sociedade demanda e requer tempo por parte do indivíduo. E não há tempo para refletir.

O cotidiano é regado de estereótipos e, por isso, assume um papel opressivo. Como aponta Maria do Carmo Falcão, ele “está presente em todas as esferas de vida do indivíduo, seja no trabalho, na vida familiar, nas relações sociais, lazer, etc” (NETTO E FALCÃO, 1989:23). Em função disso, o que é complexo não possui espaço num cenário em que a simplificação está estampada na vida cotidiana. O indivíduo está acostumado com a simplificação. Na fácil “digestão” dos conteúdos.

Contudo, não há somente estereótipos com conotação negativa. Existem os que possuem uma leitura positiva por parte do receptor (como a exemplo de “fiéis”, “aplicados”, “bondosos”, “amigos”). Tantos os positivos quanto os negativos são como “caixinhas”: conceitos “cubados” que já estão previamente formalizados na consciência do indivíduo.

Em contrapartida, quando, em alguma situação, não há identificação com os estereótipos apresentados por parte do receptor, a sensação iminente é a de estranhamento e rejeição. Em decorrência de uma torrente de estereótipos que o indivíduo recebe desde que começa a ser educado, quando criança, isso faz com que ele não esteja “preparado” para o novo. Daí as sensações repulsivas. Motter completa essa idéia ao abordar:

“Vemos o mundo que nos ensinaram a ver, segundo os recortes do senso comum mantidos por sucessivas gerações, herdados como verdades calcificadas, e não o mundo complexo, contraditório, movente, mutável e multifacetado que temos diante de nós” (2002:40).

Os estereótipos são utilizados, erroneamente, como verdades pelos indivíduos. Estes os aceitam como verdade por sua força e autoridade e não formalizam sobre eles. Os reproduzem como conhecimento pelo simples fato de creditá-los. Como cita Ecléa Bosi, “o

processo de estereotipia se apodera da nossa vida mental”. E completa: “O estereótipo nos é transmitido com tal força e autoridade que pode parecer um fato biológico” (BOSI, 1997:98-99). A questão que se esquece numa situação como esta é que a reprodução desses estereótipos se dá porque o indivíduo não os enxerga como hipóteses que precisam ser comprovadas. E isso retira dele a necessidade de julgar sobre este conteúdo.

A comprovação das hipóteses é de extrema importância porque, costumeiramente, são praticados os conteúdos como puras verdades, e não como verdades verificáveis. Os estereótipos “tomam” conta da vida dos indivíduos sem que os mesmos percebam. E atrelados aos estereótipos estão os preconceitos. Estes estão associados àqueles. Conforme desenvolve Motter, “Se estes (estereótipos) são uma generalização, aqueles (preconceitos) equivalem a uma ultrageneralização, que é a característica do pensamento cotidiano” (2002:41).

Tomando por base a afirmação supracitada e unindo o conceito de Agnes Heller (1985), a ultrageneralização é, pois, inevitável na vida cotidiana. Isso porque não há vida cotidiana sem pensamento cotidiano. Ela pode ser correta ou falsa. Por isso, a ultrageneralização é considerada juízo provisório que pode ser comprovado ou não. Se refutado (ou seja, negado, contestado), é considerado preconceito. Heller confirma a proposição quando descreve que “os juízos provisórios refutados pela ciência e por uma experiência cuidadosamente analisada, mas que conservam inabalados contra todos os argumentos da razão, são preconceitos” (1985: 47).

Há preconceitos que podem ter aplicação individual ou social. O social pode vir carregado de estereotipia ou não (ou como uma vertente de semi-estereotipia). Apesar de sua conotação negativa, Heller entende que há uma questão positiva no preconceito: a integração social. Os indivíduos se unem em função dele. Mas o proposto pela autora é que, após a “união”, a causa desta ação (o preconceito) deva se diluir e acabar (1985:53-55).

A opinião é outra questão importante nesta abordagem. Apesar de ter um caráter provisório, há, segundo Ecléa Bosi, uma total necessidade por parte do indivíduo de se operar, na vida prática, com a opinião. Ela trabalha com a perspectiva do consenso social. Ou seja, existe uma atmosfera de “convivência” por parte dos indivíduos de um grupo social em relação às opiniões. As hipóteses são declaradamente usadas e o “eu acho” ganha mais vida nesse cenário de subjetividade. Essas hipóteses são pautadas na confiança e, quando em algum momento são confirmadas, há uma reformulação e estas deixam de ser opiniões e viram verdades. Portanto, a opinião se transforma em conhecimento após comprovação.

Para finalizar a análise, as “costuras” aqui apresentadas representam uma visão panorâmica do que acontece hoje no processo comunicacional do indivíduo na vida cotidiana. Um levantamento de questões em relação à linguagem – e ao seu uso – que tem a necessidade de suscitar ponderações importantes que tangenciam a veloz vida moderna. Do simples signo à verificação dos conteúdos. Tudo que envolve o indivíduo e que precisa de produção. Produção como esta que se propõe a fazer elaborações modelos em busca de melhorias nas ações de comunicação que hoje existem ou que possam um dia existir.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. (1981) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec.
- BOSI, E. (1997) **A Opinião e o Estereótipo**. In: Contexto, nº 2, março.
- BRANDÃO, H. N. (1991). **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Ed. Unicamp.
- CITELLI, A. O. e BACCEGA, M. A. (1989) **Retórica da Manipulação: Os Sem-Terra nos Jornais**. In: Comunicações e Artes. São Paulo, ECA-USP, nº 20, abril.
- HELLER, A. (1985) **Sobre os Preconceitos**. In: O Cotidiano e a História. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- LIPPMANN, W. (1980) **Estereótipos**. In: STEINBERG, C. H. (Org.). Meios de Comunicação de Massa. São Paulo: Cultrix.
- MOTTER, M. L. (1994) **A Linguagem como Traço Distintivo do Humano**. Revista Princípios.
- _____. (1994b) **Consciência Lingüística de Fabiano**. Revista Princípios.
- _____. (1989) **Manipulação e Construção da Identidade Negra na Imprensa Brasileira – A Viagem de Sarney a Angola**. São Paulo, ECA-USP, mimeo.
- _____. (2002) **Campo da Comunicação: Cotidiano e Linguagem**. In: BACCEGA, M. A. (Org.). Gestão de Processos Comunicacionais. São Paulo: Atlas, 2002.
- NETTO, J. P. & FALCÃO, M. C. (1989) **O Conhecimento da Vida Cotidiana: Base Necessária à Prática Social**. In: Cotidiano: Conhecimento e Cultura. São Paulo: Cortez.
- SCHAFF, A. (1976) **Linguagem, Conhecimento e Cultura**. In: Linguagem e Conhecimento. Coimbra, Almedina.

